Septem Sermones ad Mortuos

Editor: Oficinas T K (oficinastk.wordpress.com)
Tradução: Rodolfo Oliveira
Composição e Paginação: Oficinas T K

OTKL008
Novembro de 2016
Edição electrónica.

VII SERMONES AD MORTUOS

Sete exortações aos mortos
escritas por Basílides
em Alexandria,
a cidade onde o Oriente toca o Ocidente

SERMO I

Os mortos voltaram de Jerusalém onde não encontraram o que buscavam. Pediram para ser admitidos à minha presença e suplicaram-me que os ensinasse; assim comecei a minha instrução.

Escutai: começo com nada. O nada é o mesmo que a totalidade. No infinito, cheio não é melhor que vazio. O nada é pleno e vazio. Podemos de igual modo afirmar outra coisa qualquer sobre o nada, como por exemplo, que é branco, ou preto, ou novamente, que existe e que é inexistente. O que é infinito não possui qualidades, uma vez que as possui todas.

A este nada ou totalidade chamamos PLEROMA[1]. Nele cessam o pensamento e o ser, pois o eterno infinito não possui qualidades. Nele, nenhum ser existe, pois seria então distinto do Pleroma, e possuiria qualidades que dele o distinguiriam.

No Pleroma existe nada e tudo. Seria infrutífero ponderar o Pleroma, pois isso implicaria a auto-dissolução.

O CRIADO[2] não existe no Pleroma, mas em si. O Pleroma é o início bem como o fim dos seres criados. Permeia-os como, em toda a parte, a luz solar permeia a

[1] Πληρωμα

[2] *Creatur*

atmosfera. Embora o Pleroma os permeie por completo, os seres criados não participam nisto, do mesmo modo que um corpo integralmente transparente não fica mais claro ou escuro como resultado da luz que o atravessa. Somos, no entanto, o Pleroma em si, pois somos uma parte do eterno e do infinito. Não participamos nisto, pois nos encontramos infinitamente removidos do Pleroma; não espiritualmente ou temporalmente, mas essencialmente, porque nos distinguimos do Pleroma na nossa essência de criados, confinados ao espaço e ao tempo.

No entanto, somos partes do Pleroma, e este encontra-se também em nós. Mesmo no ponto mais ínfimo é o Pleroma sem fim, eterno e completo, uma vez que pequeno e grande são qualidades contidas nele. É esse vazio que em toda a parte é integral e contínuo. Portanto, falo apenas figurativamente dos seres criados como pertencentes ao Pleroma. Porque, na verdade, o Pleroma não se encontra dividido em parte alguma, uma vez que é o nada. Somos também a totalidade do Pleroma por, figurativamente, este ser o ponto mais pequeno (assumido apenas, não existente) em nós, bem como no firmamento sem fronteiras acima de nós. Quando poderemos então falar do Pleroma, sendo ele então o tudo e o nada?

Menciono-o para começar algures, e também para vos libertar da ilusão que algures, dentro ou fora, se encontra

algo fixo, ou de algum modo estabelecido desde o início. Tudo o que se chama fixo ou estabelecido é apenas relativo. Apenas é fixo e certo o que está sujeito a mudanças.

Mutável no entanto, é o Criado. Sendo portanto a única coisa fixa e certa, pois possui propriedades: é uma propriedade em si.

Levanta-se então a questão: como se originou o Criado? O seres criados têm uma origem, o Criado não; pois é propriedade do Pleroma em si, bem como a não-criação que é a morte eterna. Em todos os tempos e lugares existe criação, em todos os tempos e lugares existe morte. O Pleroma tudo possui, distinção e não-distinção.

O mundo criado é diferenciação. É distinto. A diferenciação é a sua essência, por isso distingue. Por isso a Humanidade discrimina, porque a sua natureza é diferenciadora. A partir do qual, portanto, nós também discriminamos as propriedades do Pleroma, que não existem. A Humanidade distingue-as a partir da sua própria natureza. Daí discorrem sobre as qualidades do Pleroma, que não existem.

Questionamos, qual a utilidade de falar disso? Não dissesteis vós mesmos, que não existia benefício nenhum em ponderar o Pleroma?

Disse-vos isso, para vos libertar da ilusão de que seríamos capazes de reflectir sobre o Pleroma. Quando distinguimos as qualidades do Pleroma, partimos da base da nossa própria diferenciação e relativamente à nossa diferenciação. Mas não acrescentamos nada a respeito do Pleroma. É necessário, no entanto, que falemos da nossa diferenciação, para que nos possamos distinguir a nós próprios o suficiente. As qualidades devem ser destrinçadas.

Qual o mal de não nos distinguirmos, perguntais? Se não o fizermos, transcendemos a natureza e afastamo-nos do Criado. Caímos no indiferenciado, que é outra propriedade do Pleroma. Mergulhamos no Pleroma em si e deixamos de ser criaturas. Somos entregues à dissolução no nada. Esta é a morte da Criatura. Morremos na medida em que não diferenciamos, portanto. E assim o impulso natural do ser criado tende para a diferenciação, para a luta contra a primeva e perniciosa igualdade. A isto chamamos O PRINCÍPIO DA INDIVIDUAÇÃO.[3] Este princípio é a essência dos seres criados. Partindo disto conseguis compreender porque o estado de indiferenciação e de não discriminação representam grandes perigos para o ser criado.

[3] *Principium Individuationis*

Devemos então, distinguir as qualidades do Pleroma. As qualidades são PARES DE OPOSTOS, tais como:

O Eficaz e o Ineficaz.
Plenitude e Vazio.
Vivo e Morto.
Diferença e Igualdade.
Luz e Escuridão.
O Quente e o Frio.
A Força e a Substância.
O Tempo e o Espaço.
O Bem e o Mal.
A Beleza e a Fealdade.
O Uno e o Múltiplo, etc.

Os pares de opostos são propriedades do Pleroma, inexistentes na realidade porque se equilibram mutuamente. Como somos o Pleroma, também possuímos todas estas propriedades em nós. Sendo que a base da nossa natureza é a diferenciação, possuímos estas propriedades em nome e como sinal da diferenciação, significando isto:

1. Que em nós, estas propriedades se encontram diferenciadas e separadas entre elas, não se encontrando portanto mutuamente equilibradas e anuladas, mas em acção. Eis porque somos vítimas dos pares de opostos. Porque o Pleroma se divide em nós.

2. As propriedades pertencem ao Pleroma, e apenas em nome e como sinal da diferenciação podemos e deveremos possuí-las. Devemo-nos diferenciar dessas propriedades. No Pleroma encontram-se equilibradas e anuladas, não em nós. Obteremos a salvação se nos conseguirmos diferenciar delas.

Quando almejamos o Bem ou o Belo, esquecemo-nos da nossa natureza, que é a da diferenciação, e somos entregues às propriedades do Pleroma, que são os pares de opostos. Trabalhamos para obter o Bem e o Belo, e em simultâneo obtemos o Mal e o Feio, pois no Pleroma estes são unos com o Bem e o Belo. Quando no entanto, nos mantemos fiéis à nossa natureza, que é a da diferenciação, distinguimo-nos do Bem e do Belo, e em simultâneo, do Mal e do Feio. E assim não mergulhamos no Pleroma, em particular, no nada e na dissolução.

Objectareis dizendo: afirmais que a diferença e igualdade são também propriedades do Pleroma. O que sucede então quando lutamos pela distinção? Não estaremos nós ao fazê-lo, a agir em conformidade com a nossa natureza? E deveremos ainda assim ser entregues à igualdade quando buscamos a diferenciação?

Não vos podeis esquecer que o Pleroma não possui qualidades. Criamo-las através do pensamento. Assim,

quando almejais a diferenciação ou a igualdade, ou qualquer outra propriedade, perseguis pensamentos que fluem para vós a partir do Pleroma; nomeadamente pensamentos sobre as propriedades inexistentes do Pleroma. Enquanto perseguirdes esses pensamentos, caíreis novamente no Pleroma, e obtereis a diferenciação e a igualdade em simultâneo. Não é o vosso intelecto, mas o vosso ser que constitui a diferenciação. Não é pela diferenciação que deveis lutar, como julgáveis, mas pelo VOSSO PRÓPRIO SER. Em suma, existe apenas uma demanda, a do vosso próprio ser. Se nela vos encontrásseis, não necessitaríeis de saber nada acerca do Pleroma e das suas propriedades e ainda assim atingiríeis o vosso objectivo, pelas virtudes da vossa natureza.

Uma vez que o raciocínio vos aliena do verdadeiro ser, devo transmitir-vos o conhecimento para que possais manter o vosso pensamento sob controlo.

SERMO II

À noite, os mortos ergueram-se junto às paredes e clamaram: *Queremos obter esclarecimentos sobre Deus. Onde está Deus? Está Deus morto?*

Deus não está morto, vive agora como sempre. Deus é o mundo criado, pois é algo definido e como tal, distinto do Pleroma. Deus é uma propriedade do Pleroma, e tudo o que se possa dizer acerca do mundo criado, também é verdade a seu respeito.

Distingue-se no entanto do mundo criado, por ser algo mais indefinido e indeterminável que este. É menos distinto que os seres criados na medida em que o ponto de partida do seu ser é a plenitude efectiva. Apenas é mundo criado o quanto conseguir ser definido e distinto e, de igual modo, é a manifestação da plenitude efectiva do Pleroma.

Tudo o que não diferenciamos cai no Pleroma e anula-se com o seu oposto. Se não discernirmos Deus, a plenitude extingue-se para nós. Deus é o Pleroma em si, na medida em que o ponto mais ínfimo do mundo criado e não criado é também o Pleroma em si.

O vazio efectivo é a essência do Diabo. Deus e o Diabo são as primeiras manifestações do nada a que chamamos Pleroma. É irrelevante se o Pleroma é ou não é, dado

em tudo ser equilibrado e anulado. Mas não é assim com o mundo criado. Na medida em que Deus e o Diabo fazem parte do criado, não se anulam mutuamente, mas erguem-se um contra o outro como opostos efectivos. Não necessitamos de provas da sua existência. Bastará que estejamos sempre a falar deles. Mesmo que não existissem, o mundo criado os faria manifestar a partir do Pleroma, dada a sua própria natureza.

Tudo o que a diferenciação retira do Pleroma são pares de opostos. Para Deus, existirá sempre o Diabo. Esta inseparabilidade é tão próxima e indissolúvel quanto o próprio Pleroma, como sabeis pela vossa própria experiência. Isto porque ambos se encontram muito próximos do Pleroma, no qual todos os opostos são extintos e unificados.

Deus e o Diabo distinguem-se pelas propriedades de plenitude e vazio, geração e destruição. A ACÇÃO é comum a ambos. A acção unifica-os. A acção encontra-se portanto acima deles; é um deus acima de Deus, porque na sua efectividade une o pleno e o vazio.

Existe um deus sobre o qual sabeis nada, porque a Humanidade o esqueceu. Chamemo-lo pelo seu nome: Abraxas. É mais indefinido ainda que Deus ou o Diabo. Chamaremos a Deus, *Helios* ou Sol para o distinguirmos

deste outro. Abraxas é efeito. Nada se lhe opõe que o irreal; assim a sua natureza efectiva estende-se livremente em si mesma. O irreal não existe, logo não se lhe pode opor. Abraxas ergue-se sobre o Sol e sobre o Diabo. É a improbabilidade provável, a irrealidade real. Se o Pleroma fosse um ser, Abraxas seria a sua manifestação. É a actividade em si; não o efeito em particular, mas o efeito no geral.

É a irrealidade real, porque não demonstra um efeito distinto.

Também é Criado, porque diferenciado do Pleroma.

O Sol exerce um efeito definido, bem como o Diabo. Por isso estes se nos afiguram mais eficazes que o indefinível Abraxas.

Ele é força, persistência e mutação.

Naquele momento os mortos provocaram um grande tumulto, pois eram cristãos.

SERMO III

Como a neblina que se ergue dos pântanos, assim os mortos se aproximaram e bradaram: *Conta-nos mais a respeito do deus supremo.*

O deus Abraxas é difícil de conhecer. O seu poder é supremo, porque a Humanidade não o compreende. No Sol a Humanidade vê o BEM SUPREMO;[4] no Diabo, o MAL ÍNFIMO,[5] mas no indefinido Abraxas não consegue distinguir a VIDA, mãe do bem e do mal.

A vida aparenta ser menor e mais fraca que o bem supremo, tornando-se assim difícil conceber que Abraxas possa suplantar o poder do Sol, fonte radiante de todo o poder vital.

Abraxas é o Sol, e em simultâneo o eterno vazio hiante, o redutor e macerador Diabo.

O poder de Abraxas é duplo, mas invisível para vós porque aos vossos olhos a luta entre os opostos aparenta anulá-lo.

O que o deus Sol proclama, é vida.

O que o Diabo proclama, é morte.

[4] *summum bonum*

[5] *infimum malum*

Mas Abraxas proclama a sagrada palavra amaldiçoada que é vida e morte em simultâneo.

Abraxas proclama a verdade e a mentira, o bem e o mal, a luz e as trevas, numa só palavra e acto. Por isso Abraxas é terrível.

É esplêndido como o leão no momento em que abate a sua presa. Belo como um dia de Primavera. É o Grande Pã e também o menor. É Príapo.

Ele é o monstro do sub-mundo, uma anémona de mil tentáculos, um nó de serpentes aladas, o frenesim.

É o Hermafrodita na origem do início.

Ele é o senhor das rãs e dos sapos, que habitam as águas e vão a terra, e cujos coros se elevam ao meio-dia e à meia-noite.

É a abundância que busca unir-se ao vazio.

É geração sagrada.

É o Amor e o seu assassino.

É o santo e o seu traidor.

A luz mais brilhante do dia e a noite obscura da loucura.

Contemplá-lo é cegueira.

Conhecê-lo é doença.

Adorá-lo é morte.

Temê-lo, é sabedoria.

Não lhe resistir, a redenção.

Deus habita por trás do Sol, e o Diabo por trás da noite. O que Deus manifesta a partir da luz, o Diabo suga para a noite. Mas Abraxas é o Mundo, a sua origem e a sua dissolução.

Tudo o que solicitais do deus Sol, gera uma acção do Diabo. Para cada benção do deus Sol há uma maldição do Diabo.

Assim é o terrível Abraxas.

Ele é a mais poderosa manifestação da criação, e nele, o mundo criado teme-se a si próprio.

É a oposição manifesta do mundo criado ao Pleroma e ao seu nada.

É o horror que o filho sente pela mãe.

É o amor que a mãe sente pelo filho.

O deleite da terra e a crueldade dos céus.

A Humanidade paralisa-se ante a sua face.

Perante ele não existem questões nem respostas.

Ele é a vida da criação.

Ele é a operação na diferenciação.

Ele é o amor da Humanidade.

Ele é o discurso da Humanidade.

É a aparência e sombra da Humanidade.

É realidade ilusória.

Nessa altura os mortos uivaram e deliraram, pois não se encontravam ainda aperfeiçoados.

SERMO IV

Resmungando, os mortos encheram a sala e vociferaram: *Fala-nos de deuses e demónios, ó amaldiçoado!*

O Deus Sol é o bem supremo; o Diabo, o oposto. Temos assim dois deuses. Mas existem muitas coisas elevadas e boas, e inúmeros grandes malefícios. Entre estes contam-se dois deuses demoníacos; um é o ARDENTE, o outro o FLORESCENTE. O ardente é EROS, que possui a forma de uma chama - A chama brilha porque consome. O florescente é A ÁRVORE DA VIDA - Ela dá rebentos e acumula matéria viva enquanto cresce. Eros consome-se e perece, mas a Árvore da Vida cresce constante e lentamente ao longo do tempo imensurável.

O Bem e o Mal encontram-se unidos na chama.

O Bem e o Mal unificam-se no crescimento da Árvore. Na sua divindade, opõem-se a Vida e o Amor.

Inumeráveis como as estrelas do firmamento, assim existem deuses e demónios. Cada estrela é um deus, e cada espaço preenchido por uma estrela, um demónio. Mas a plenitude vazia é o Pleroma.

A actividade do todo é Abraxas, a quem apenas o irreal se opõe.

Quatro é o número das principais divindades como quatro são as dimensões do mundo. O Um é o início, o Deus Sol. O Dois é Eros porque une dois e se expande refulgente. O Três é a Árvore da Vida pois preenche o espaço com corpos. O Quatro é o Diabo, pois abre tudo o que se encontra fechado; dissolve toda a natureza corpórea; é o destruidor no qual tudo é reduzido a nada.

A mim, que me foi dado o conhecimento da multiplicidade e diversidade dos deuses, não me incomoda, mas desgraçados de vós, que substituis estes muitos incompatíveis com um deus único. Ao fazê-lo criais o tormento que deriva da incompreensão e mutilais o mundo criado, cuja natureza e propósito é a diferenciação. Como podeis ser assim fiéis à vossa natureza, quando tentais unificar o múltiplo? O que fazeis aos deuses também vos sucede. Tornai-vos todos idênticos, e assim mutilais a vossa verdadeira natureza.

A igualdade não prevalece entre os deuses, apenas na Humanidade. Existem muitos deuses, porém, poucos humanos. Os deuses são poderosos e conseguem suportar a sua diversidade, pois, como as estrelas, se encontram apartados entre si por distâncias imensas. Os humanos são fracos e não conseguem suportar a sua diversidade. Para que consigam tolerar o afastamento, buscam a comunhão e a companhia dos outros. Em benefício da

redenção, ensino-vos a verdade rejeitada, pela qual fui também eu rejeitado.

A multiplicidade dos deuses corresponde à multiplicidade dos humanos.

Inúmeros deuses aguardam para se tornarem humanos. Inúmeros outros deuses já o foram. A Humanidade partilha a natureza divina. Deriva dos deuses e para eles tende.

Assim, do mesmo modo que é inútil ponderar sobre o Pleroma, é inútil adorar a multiplicidade de deuses. Mais inútil ainda será adorar o primeiro deus, a plenitude efectiva, o bem supremo. Através da oração a este nada adicionamos, e dela nada retiramos, porque o vazio efectivo tudo absorve.

Os deuses resplandecentes constituem o mundo celestial; este é múltiplo e espraia-se aumentando infinitamente. O deus Sol é o senhor supremo desse mundo.

Os deuses obscuros constituem o mundo terreno; é simples e em infinita redução e declínio. O senhor inferior do mundo terreno é o Diabo: o espírito da Lua satélite da Terra, menor, mais frio e morto que a Terra.

Não existe diferença entre o poder dos deuses celestiais e os do mundo terreno. Os deuses celestiais expandem-se, os terrenos contraem-se. De modo imensurável em todos os sentidos.

SERMO V

Os mortos escarneceram *e exclamaram: Ensina-nos ó tolo, sobre a igreja e a sagrada comunhão!*

O mudo dos deuses manifesta-se através da espiritualidade e da sexualidade. Os deuses celestiais estão presentes na espiritualidade e os terrenos, na sexualidade.

A espiritualidade concebe e engloba. É feminina, por isso lhe chamamos a MÃE CELESTIAL.[6] A sexualidade gera e cria, e como tal chamamos-lhe FALO,[7] o pai telúrico.

A sexualidade do homem é mais terrena, a da mulher mais espiritual. A espiritualidade do homem é mais celestial, tende para o maior. A espiritualidade da mulher é mais terrena, tende para o menor.

Demoníaca e enganadora a espiritualidade do homem que tenda para o menor. Demoníaca e enganadora a espiritualidade da mulher que tenda para o maior. Cada uma se deve encaminhar no seu sentido.

Os homens e as mulheres tornam-se demónios uns para com os outros quando não separam os seus caminhos espirituais, pois a natureza da criação é a diferenciação. A

---

[6] *Mater Coelestis*
[7] *Phallos*

sexualidade do homem tem um curso mais terreno, enquanto que a da mulher tem um curso mais espiritual. Os homens e as mulheres tornam-se demónios uns para com os outros quando não diferenciam a sua sexualidade.

O homem conhecerá o menor, e a mulher o maior. A Humanidade distinguir-se-à quer da espiritualidade quer da sexualidade. Chamarão à espiritualidade Mãe, e colocá-la-ão entre o céu e a terra. Chamarão Falo à sexualidade, e colocá-lo-ão entre eles mesmos e a terra. Pois a Mãe e o Falo são demónios sobre-humanos que revelam o mundo dos deuses. Afiguram-se-vos mais eficazes que os deuses por se encontrarem próximos da vossa própria natureza.

Se não diferenciardes a vossa sexualidade e a vossa espiritualidade e não as considerardes de natureza superior e transcendente, tombareis suas vítimas, como qualidades do Pleroma. A espiritualidade e a sexualidade não são características vossas, não são coisas que possuais ou contenhais. Mas estas possuem-vos e contêm-vos; são poderosos *daimons*[8], manifestações divinas que consequentemente se estendem para além de vós, existindo *per se.*

A Humanidade não possui uma espiritualidade, ou uma sexualidade suas; no entanto, permanece sob a lei de ambas. Por causa disso, ninguém escapa a esses *daimons.*

---

[8] δαιμων

Olhareis para eles como *daimons*, como causas habituais e perigos terríveis, um fardo comum que a vida vos impôs a todos. E assim olhareis para a vida também, como causas habituais e perigos terríveis, como os deuses o são, e acima de tudo, como o terrível Abraxas é.

A Humanidade é fraca e por isso a comunhão é essencial. Quando se não realiza sob o signo da Mãe, realiza-se sob o signo do Falo. A ausência da comunhão causa sofrimento e doença. A comunhão comporta desmembramento e dissolução.

A distinção leva à unicidade. A solidão opõe-se à comunhão. Mas devido à fraqueza da Humanidade, perante os deuses e demónios e as suas leis invencíveis, a comunidade torna-se necessária. Assim existirão tantas comunidades quantas as necessárias, não por necessidade da Humanidade, mas pela dos deuses. Os deuses forçam-vos à comunhão. Tanto quanto eles vos forcem a tal será o suficiente, mais que isso porém, será um malefício.

Em comunhão, que cada um se submeta ao próximo, para que a comunidade se preserve; tanto quanto o necessiteis dela.

Na solidão o único será superior aos demais, que cada um chegue a si e evite assim a escravidão.

Em comunidade pratica-se a abstenção, na solidão a prodigalidade.

A comunhão é profundidade, a solidão é altura. A quantidade certa de comunhão purifica e preserva. A quantidade certa de solidão purifica e incrementa.

A comunhão oferece-nos o calor, a solidão dá-nos a luz.

SERMO VI

O *daimon* da sexualidade aborda a nossa alma como uma serpente. É semi-humano e surge como *desejo-pensamento.*

O *daimon* da espiritualidade descende até à nossa alma como um pássaro branco. É semi-humano e manifesta-se como *pensamento-desejo.*

A serpente é uma alma telúrica, semi-demoníaca, um espírito idêntico ao dos mortos. Assim, e como eles, ela se acerca das coisas terrenas, inspirando-lhes o temor ou provocando-as com desejos desenfreados. A serpente é de natureza feminina e busca a companhia dos mortos aprisionados pelo feitiço da terra, dos que não conseguiram encontrar o caminho transcendente que leva à unicidade. A serpente é uma rameira; licenciosa com o Diabo e com os espíritos maléficos, é uma tirana manipuladora que atormenta, e que nos tenta sempre levar a associarmo-nos ao pior.

O pássaro branco é uma semi-celestial alma humana. Habita com a Mãe, descendendo ocasionalmente. O pássaro tem uma natureza masculina, e é o pensamento em acção. É casto e solitário, um mensageiro da Mãe. Voando acima da Terra, comanda a unicidade. É o portador do conhecimento dos distantes que nos antecederam, e que foram aperfeiçoados. Transporta as nossas pala-

vras até à Mãe. Ela intercede e adverte, mas perante os deuses é impotente. Ela é um veículo do Sol.

A serpente mergulha nas profundezas e com a sua astúcia, ora fere, ora estimula o demónio fálico. Desenterra os pensamentos mais profundos do telúrico, os que rastejam por todas as fendas e orifícios repletos de desejo. A serpente, sem o pretender, é-nos sem dúvida muito útil. Ao escapar-se-nos, revela o caminho que com a argúcia humana não fomos capazes de encontrar.

Os mortos olharam com desdém dizendo: *Pára com essas conversas de deuses, demónios e almas. No fundo, já sabíamos tudo isso há muito tempo.*

SERMO VII

Ao cair da noite, os mortos novamente se aproximaram com queixumes e disseram: *Há ainda um assunto que nos esquecemos de mencionar. Ensina-nos sobre a Humanidade.*

A Humanidade é um portal, através do qual, e partindo do mundo exterior dos deuses, *daimons* e almas, penetramos no mundo interior. Pequena e transitória é a Humanidade. Assim que a deixamos para trás, encontramo-nos no espaço infinito, no micro-cosmos, na eternidade interior. No zénite, a uma distância imensurável cintila uma singela Estrela.

É o deus único deste Um solitário. Aquele é o seu mundo, o seu Pleroma, a sua divindade.

Neste mundo a Humanidade é Abraxas, a ordenadora e destruidora do seu próprio mundo.

A Estrela é o deus e a meta da Humanidade.

Ela é o seu deus tutelar. Nela encontra a Humanidade o seu repouso. A ela conduz a longa jornada da alma após a morte. Dela irradia a luz de tudo aquilo o que a Humanidade traz do mundo exterior. A este deus deverão as pessoas rezar.

A oração incrementa a luz da Estrela. Lança uma ponte sobre a morte. Entrega a vida ao mundo interior e ameniza os vãos desejos do exterior.

Quando o mundo exterior arrefece, a Estrela brilha.

Nada se colocará entre a Humanidade e o seu deus único, conquanto esta consiga desviar o olhar do espectáculo flamejante de Abraxas.

Humano aqui, deus lá.

Aqui, fraqueza e insignificância; lá, eterno poder criador.

Aqui, nada mais existe que a frieza escura e húmida. Lá, apenas o Sol.

Após isto os mortos silenciaram-se e ascenderam, como o fumo da fogueira de um pastor que, pela noite fora, zelou pelo seu rebanho.

ANAGRAMA

NAHTRIHECCUNDE
GAHINNEVERAHTUNIN
ZEHGESSURKLACH
ZUNNUS[9]

[9]Foi proposto por Aniela Jaffé que no anagrama se leia: «Carl Gustav Jung em Kuesnach no ano de mil novecentos e dezasseis»